A ILLUSTRAÇÃO

LUSO-BRAZILEIRA.

LISBOA: — Anno 3$600 rs. — Semestre 1$920 rs. — Trimestre 1$000 rs. — Numero avulso 120 rs.

VOL. I. — NUM. 1. — Sabbado, 5 de Janeiro de 1856.

PROVINCIAS — Franco — Anno 4$000 — Semestre 2$100
Ultramar e estrangeiro (moeda forte) 5$000 rs.

INTROITO.

A *Illustração* em palestra com os leitores. — Prova-se que se entra por se achar a porta aberta, e que se sáe porque se entrou. — Exconjuração aos programmas. — Emprego actual da Fama. — Declara-se a introducção concluida.

—Com que, temos introducção?

—É verdade, temos introducção: o titulo o está dizendo.

—E para que serve uma introducção?

—Naturalmente para introduzir o leitor no jornal, que ainda não conhece, visto começar a sua existencia, e alumial-o na habitação nova em que vae penetrar, visto que pegou n'esta folha.

—Estamos fartos de introducções.

—Não pomos duvida. Mas, assim como não ha casa sem porta, não ha jornal sem introducção.

—Porque?

—Boa é essa! porque? Porque se ha de entrar por alguma parte; porque se ha de principiar por alguma cousa.

—Porque não principiaes logo... por outra!

—Sempre será principiar por alguma. Mudae-lhe o nome, que importa? Ficará o acto. O acto é começar, é abrir, é inaugurar, finalmente é entrar. Se não for por esta fórma será por aquella; mas será. Não entreis pela porta, entrareis pela janella. Ha quem prefira este modo de..... não diremos introducção, posto ser aqui o mais proprio termo... ha quem prefira, diziamos, este modo de accesso, principalmente os que têem predilecções illegaes por alguma pertença do proximo em contravenção com dous mandamentos da lei de Deus, os mais essenciaes para o estado actual da sociedade, e por isso mesmo os mais frequentemente infringidos. Esses mesmos, porém, introduzem-se... por desgraça alheia.

A unica differença é que, desprezando as sendas triviaes, fazem porta da janella. O leitor póde fazer como elles, sem levar os mesmos intuitos, bem entendido. Póde só passar por esta porta, que nem se encurva em lavores gothicos, nem perfilla a esquadria romana, nem apruma columnadas gregas, nem pompeia sobre áditos soberbos, nem aspira em summa a ser mais do que é, uma porta ou entrada, humilde e singela, para os que entendem que ha certas cousas que se hão de fazer eternamente do mesmo modo, visto que sempre se fizeram, e se fizeram assim, desde que o instincto despertou no homem, o homem na sociedade, e a sociedade no mundo, — cousas simples, cousas communs talvez, cousas prosaicas de certo, como é o entrar por uma porta, e abrir uma porta para entrar, — mas cousas de pratica universal e perenne, e portanto de verdade provavel....

—Quereis ver as taes verdades provaveis? Póde-se objectar a esse poderoso raciocinio — que uma porta serve tanto para entrar como para saír, o que não é menos reconhecido, nem menos provado, nem menos universal.

—Eis justamente o que de todo confirma a nossa primeira e gravissima these, pois que para saír é preciso entrar, e só sáe quem entrou, como o attestaria, se fosse preciso, um dos mais ingenuos e sabidos annexins populares. N'estes termos pois, e pondo ponto ás digressões, o leitor, como íamos dizendo, póde passar por esta porta, sem mesmo lhe tirar o chapéu, se quizer, pois que não temos cá o *laus perenne*, e metter-se pelas janellas, que não faltarão n'esta galeria, e muitas d'ellas ornadas de ricos entalhes e de finos rendados, como só as delineam e executam os entendidos architectos e os esculptores primorosos, cujos nomes darão razão de suas obras. Se o leitor porém se introduzir por alguma d'essas janellas magnificas, em vez de cruzar esta porta modesta, — e louvar-lhe-hemos a preferencia, — nem por isso deixará de ter a sua introducção: tel-a-ha unicamente escolhida a seu sabor, no que, francamente, fará muito bem.

—Mas que prova esse longo arrazoado?

—Prova exactamente o nosso thema.

—Que thema?

—Que uma introducção é uma cousa indispensavel.

—É uma cousa banal, por mais que se diga. Todos fazem introducções.

—Todos fazem portas para entrar, sem exceptuar os que entram pelas janellas. É banal? Será. É banal como a luz, como o amor, como o prazer. Todos tambem querem ver, todos querem amar, todos querem gosar. Já vêdes que ha banalidades, antigas, usuaes, quotidianas, que se não trocam, — que não trocarieis, — por uma boa porção de innovações. Reconhecidas estas importantissimas, e sobre tudo juvenilissimas verdades, deixae-nos dizer-vos duas palavras da nova *Illustração*, que será nacional para dous mundos, que heis de certamente passar pelos olhos, que talvez acabeis por acompanhar com os vossos votos.

—Assim seja. Agora dizei breve.

—É pouco. Tem havido seculos que se tem feito homens. Assim foi o seculo de... Escuso de vol-o dizer se o sabeis; se o não sabeis ainda mais escusado é porque o não entendereis.

—Ao caso, vamos ao caso. Este seculo, em vez de se fazer homem como o de... o tal... fez-se...

—Vamos ao nosso caso, é verdade. — Este seculo fez-ze jornal. O jornal agora propende a fazer-se livro.

—É philosophia?

—Nada, é só uma reflexão. Mensaes, hebdomadarios, ou quotodianos, os jornaes, crescem de dia para dia em dimensões, e, concorrendo todos a um fim commum, cada um completa o seu visinho, trazendo permanentemente abertas, e incessantemente renovadas as paginas em que a curiosidade humana quer achar a vida diaria. Já não basta a historia: essa julga tarde, e carece de tempo e reflexão para fixar os seus juizos. É indispensavel a chronica, mas uma chronica nova, a chronica ainda ardente das commoções, immediata, palpitante, diriamos, se este não fosse já um vocabulo estragado pelo abuso, como tanta cousa boa.

—Mas que tem com a *Illustração* essa chronica?

—O que tem! É ella mesma.

—Ella, que?

—Ella, *Illustração*.

—Ah!... Fazeis um programma?

—Um programma! *Vade retrò*. Nada de injurias. A *Illustração* disse no seu prospecto tudo o que tinha para dizer. No mais quer que a julguem pelas obras. Abre as portas á phantasia, e não as cerra á verdade. Muitas verdades se podem dizer motejando, no leve estylo que desafia o riso facil, sem despir a gravidade nas cousas serias. A *Illustração* será como as suas companheiras do mesmo titulo que as outras nações têem adoptado e feito prosperar. A fama deveria prender-lhe azas aos pés e á cabeça como a certo nume fabuloso, pois que tem de voar de um a outro hemispherio; mas a fama tem agora muito que fazer por outro lado, ao que parece, e ella, a nossa *Illustração*, contenta-se por em quanto com a celeridade dos meios de locomoção conhecidos, sem resuscitar a mythologia, nem devassar o segredo das machinas aerias. A fama assentou praça de corneta nos exercitos do Oriente, e toca á chamada do alto d'uma cortina desmantelada de Malakoff, ou de uma canhoneira fumegante de Inkermann. Tem muito que fazer, e nem póde dar uma volta por aqui. Bem que de longe, substituiremos nós a fama, ausente com motivo justificado. Destinada a dous povos, irmãos por sangue, por costumes, por lingua e religião, lembrar-se-ha sempre a *Illustração* d'onde vem e para onde vae; buscará ser d'ambos e para ambos, segundo a sua natureza, e os seus meios. A *Illustração* não tem pretenções a uma gravidade doutoral, nem se compraz nos donaires solemnes e mesuras compassadas das galas officiaes. Garrida, apurada, amiga das modas e louçaínhas, gosta de doudejar e coquetear de um para outro lado, com os zephiros, com as abelhas, com as flores, — triplice e galante officina d'onde vem todo o mel. Mas tambem não se exime da sizudeza onde for precisa. Não é um atheneu; é um locutorio; mas um locutorio que admitte toda a pratica decente. Quem quer passa, deita os olhos, entra, conversa, e, se leva alguma cousa para meditar, é commodamente reclinada em regaço voluptuoso, e melindrosamente envolta e resguardada entre os tenues recamos e as gazes transparentes d'essa fada etherea, coroada de estrellas e calçada de flores, que se chama imaginação. O seu condão será preparar deleites. Buscar-se-ha assortear condimentos para todos os paladares, pondo o cuidado em que a especiaria não leve a bóca, livre para o sorriso. Procurar-se-ha que o prazer affague, e não queime.

—Muito bem. Não fazieis programma, e ahi está um programma em regra...

—Um programma não; é só uma lista de obrigações.

—Segue-se agora o modo de cumpril-as.

—N'essa parte é que não entrâmos: deixâmol-a ao tempo, que é o grande fundador de todos os creditos, e o grande mestre de todos os desenganos.

—Excellente. Mas a introducção onde fica?

—Qual introducção?

—A introducção de que nos principiastes a fallar!

—A introducção está feita.

—Não é mais do que isto?

—Mais nada.

—Não falla ao menos sete vezes em Byron, a proposito dos *dous primos* da Idanha, nem doze em Linneo e Cuvier a proposito dos goivos do Passeio?

—Não leva a minima apara da erudição. Que quereis? É dia de magro cá por casa.

—E chamaes introducção a uma cousa d'essas, assim indigesta, infezada, quasi imperceptivel, sem o acompanhamento e o ornato de duas ou tres duzias de nomes sonoros, sem o minimo cartaz de theorias novas, ou remendadas, que vem a dar no mesmo?

—Chamemos-lhe introito.

—E por que ha de ser introito e não introducção?

—Por que ha de ser alguma cousa, valha-nos Deus! Pois que tivestes a paciencia de nos seguir até aqui, — o que nós, sinceramente, no vosso caso talvez não fizessemos, entrastes com effeito as portas da nova *Illustração*; e, introducção ou introito, cá estaes. Portanto está concluido o essencial.

—Podemos despedir-nos?

—Se quizerdes: em santa paz, espero; para voltardes muitas vezes. Introducção ha só uma.

—Ainda bem.

—Somos d'essa opinião.

Mendes Leal Junior.

REVISTA POLITICA.

O novo anno ainda entra com a campanha aberta, e com probabilidades mais de paz que de guerra, posto que alguns jornaes allemães propaguem boatos pacificos. O poderio e recursos immensos dos contendores, a lucta de oppostos principios, caprichos e ambições, o pundonor nacional empenhado de parte a parte, são os elementos em que se funda a opinião dos que aguardam largo periodo de combates, e que a reforçam apontando para os preparativos bellicosos dos alliados em gente e armas, em construcções navaes e machinas de guerra de novo invento. A estas disposições da França e da Inglaterra respondem a Russia fortificando ainda mais as suas praças maritimas, e até as duas grandes capitaes do imperio, procedendo a repetidas levas de recrutas para engrossar seus numerosos exercitos.

Os pregoeiros da paz estribam-se nas tendencias e espirito do seculo, nos sacrificios que têem exhaurido os cofres das nações belligerantes, exigindo pezados impostos a par do tributo de sangue, nos enormes prejuizos para o commercio, em que a Russia tem tido o mais avantajado quinhão, e sobretudo nos esforços das potencias que a espaços têem feito o officio de medianeiras, a Prussia, a Baviera, e com especialidade a Austria.

Esta ultima acaba de enviar, segundo refere um recente despacho da telegraphia particular, o conde de Esterhazy em missão especial á côrte de S. Petersburgo. Diz-se que é portador do *ultimatum* do gabinete de Vienna relativamente a propostas de paz, o qual retirará o seu embaixador se ellas não forem acolhidas. Mas, dado que sejam verdadeiras as condições que se presume contidas n'essa proposta, acceital-as-ha na actualidade a Russia? Consentirá, sem outra vez tentar a sorte das armas, na suppressão da esquadra e na desmantelação das suas praças do mar Negro, e em ceder a porção da Bessarabia onde o Danubio, pelas famosas sete-bôcas, despeja no mesmo mar as suas aguas? E terá esta cedencia alguma relação com o pensamento de formar dos dous principados Danubianos, a Valaquia e a Moldavia, um estado independente, privando-se a Russia do direito de protectorado que sobre os mesmos lhe cabia em virtude de tratados anteriores?

Por outra parte acquiescerão as potencias occidentaes ás mencionadas condições pura e simplesmente, sem estipular outras, nem sequer a respeito das despezas da guerra? Estarão essas potencias satisfeitas com os processos moratorios da Austria em todos os bons officios que allega; se o estão, para que lhe pedem contas (se é exacto o ultimo despacho de Berlin) da intentada reducção do seu exercito, fundada na neutralidade e no excesso das despezas?

Cremos que a imprensa não está habilitada para responder a estas questões, nem ao menos por inducções ou hypotheses. O paquete inglez, que está a chegar de Southampton, talvez esclareça o objecto da missão do conde Esterhazy, e venha ampliar ou explicar outras noticias, de que não fallâmos, por evitar prolixidade, e para não correr o risco de as vermos tão breve annulladas ou expostas em contrario sentido.

Comtudo, duas ha que não devemos omittir porque se apresentaram revestidas de caracter official: a entrega de Kars, e a alliança da Suecia. São conhecidas apenas pelas resumidas partes telegraphicas, e é provavel que o paquete nos informe mais largamente. A primeira já se esperava, se a praça não fosse a tempo soccorrida ou pelas forças de Omer pachá, a quem dão um exercito de quarenta mil homens, que obrigasse o general russo Muravieff a levantar o cerco, ou pela divisão de Selim pachá, que lhe mettesse dentro algum contingente de tropa fresca, e de mantimentos, de que sobretudo precisava. Kars (praça forte nos confins da Armenia turca, cabeça de um governo de bachá entre os de Erivan e de Erzerum) não pôde sustentar-se contra os apertos do assedio, e capitulou, por absoluta carencia de viveres, ao cabo de mui longa e briosa resistencia.

Trasladando-nos do theatro da guerra na Asia para a Europa, achâmos que a alliança da Suecia não é por ora o que se presumia quasi geralmente; pelo menos segundo se lê n'uma parte transcripta do *Moniteur*. Julgava-se que não se publicaria antes da entrada da primavera o resultado da missão do general Canrobert, e que em todo o caso seria uma liga formalmente hostil á Russia, com o compromisso de obrar a Suecia activamente da mesma maneira que a Sardenha se ligou e cooperou com os alliados. Achâmos, porém, agora uma convenção com a Suecia para o caso de que esta soffra alguma quebra de sua independencia ou de integridade territorial por parte da Russia, convenio ou tratado em que a potencia escandinava se obriga a nunca ceder á sua poderosa visinha uma porção qualquer de terreno, nem mesmo direitos alguns de pastagens, pescarias etc., e as potencias occidentaes tomam o encargo de auxiliar a Suecia com as forças navaes sufficientes para a proteger de toda a tentativa invasora, ou attentatoria do jus adquirido. Como, porém, a noticia tambem nos chegou mui resumida, aguardâmos informações ulteriores.

Da Criméa nada de novo; o inverno apresentava-se rigoroso, e contra os seus effeitos se tinham prevenido muito bem as tropas, afim de não padecerem as calamidades que em 1854 as atormentaram e lhes rarearam as fileiras.

Em Hespanha seria em breve promulgada a constituição ou lei fundamental do estado, tão porfiada e laboriosamente discutida. Não tomaram consistencia os boatos de crise ministerial: Espartero, e O'Donnell são os homens principaes da situação. Os facciosos carlistas severamente escarmentados cessaram suas correrias, e muitos se tem apresentado ao indulto.

Do nosso reino o facto notavel mais recente é a communicação recebida de Londres, mencionando ter o sr. ministro da fazenda contrahido um emprestimo, cujas condições ainda se ignoram, e obtido a cotação dos fundos portuguezes de divida externa n'aquella praça, em virtude de ajustes feitos com os possuidores dos mesmos que se julgavam lesados por algumas medidas do nosso governo. Finalmente, parece que tambem melhorára o negocio do caminho de ferro de leste; e do complexo de todos estes felizes resultados procedeu a alta de dous por cento nos nossos fundos, indicio do restabelecimento do credito decaído. M.

ROMANCE.

IR A ROMA E NÃO VER O PAPA.

(AVENTURAS DE UM CAÇADOR.)

CAPITULO I

Em que figuram alguns nomes europeus, e em que se dá conta de quem era o senhor Luiz Louet, personagem principal d'esta muito verdadeira historia

Em 1834, Alexandre Dumas passava por Marselha, dirigindo-se do meio-dia da França á raia da Italia. Todos sabem que as lettras francezas são populares entre nós, e Alexandre Dumas popularissimo entre ellas, conhecido, como é, pelas repetidas representações dos seus dramas, e pelas numerosas versões dos seus romances.

Quem ler as Memorias do ingenhoso e inesgotavel escriptor verá que é a caça uma das suas maiores predilecções; e, sem discutirmos, se elle é ou não um atirador de merito, sabemos que ninguem conta melhor tudo o que respeita áquelle exercicio, considerado por uns como arte nobre, sentido por outros como paixão violenta.

Alexandre Dumas, passando, demorára-se em Marselha, e fazia-lhe as honras da cidade o chistoso Méry, o antigo collaborador de Barthelémy, o poeta fecundo, o espirituoso romancista que sabe dar ao paradoxo o colorido da verdade, e á verdade a grandeza do paradoxo.

Uma tarde, Méry e Dumas, perto da embocadura do Huveaume, que tem a ambição de passar por um rio com o pretexto de ter uma foz, vagueavam juntos pelo formoso passeio do Prado, á beira do mar, conversando ambos, com a lhaneza de dous grandes espiritos, e a intimidade affectuosa dos que têem coração para se estimarem como irmãos, apesar de competirem como emulos. O assumpto da conversação dos dous insignes escriptores não era, como se poderia suppor, nem a analyse da procreação da magnifica trilogia dos MOSQUETEIROS, nem a investigação das causas que deram tão brilhante matiz áquelle deslumbrante conto da GUERRA DO NIZAM, que parece escripto, como de qualquer outro diria o proprio Méry, com um raio do sol, n'uma folha de palmeira, ao pé das ruinas de alguma Babel indica.

Dumas, o poeta, não estava ali; estava Dumas o peregrino, Dumas o caçador.

O auctor do MONTE-CHRISTO perguntára prosaicamente ao auctor da FLORIDA se em Marselha se gostava de caçar.

Méry, indolente como um meridional, não podia, n'estes assumptos, fallar por si; mas fallava dos outros com o desplante graciosissimo, que, segundo dizem, lhe é peculiar.

—Meu caro Alexandre—dizia elle—todo o marselhez nasceu caçador.

—Bem:—replicou Dumas, esfregando as mãos com o gesto satisfeito de quem recebe uma noticia agradavel—e que se caça nos arredores de Marselha?

Alexandre Dumas, como elle proprio nos diz, nasceu entre matas.

—Em tempos normaes—acudiu Méry—o caçador marselhez atira ao pintasilgo, ao pintaroxo, á folosa, ao pardal, ou a qualquer outro volatil de iguaes dimensões. As suas ambições não vão mais longe. Raramente se elevam até ao melro, e nunca até á codorniz. Quanto á perdiz, é para elle a phenix: acredita, por lh'o terem dito, que só uma existe no mundo, e que essa renasce das suas cinzas, e se deixa ver aos homens, de tempos em tempos, antes ou depois das grandes catastrophes, como para annunciar a colera ou a clemencia de Deus. A respeito da lebre, não fallemos: é universalmente reconhecido em Marselha que a lebre é um animal fabuloso, no genero do dragão de Rhodes, ou do unicornio do escudo britannico. Saberá mais, meu caro Alexandre, que o caçador de Marselha, dominado da languidez do clima, não vae procurar a caça: espera que ella venha procural-o. Ora, como nem os pintasilgos, nem os pintaroxos, nem as folosas, nem mesmo os pardaes, apesar da sua multiplicidade proverbial, têem nenhuma razão particular para virem pousar justamente nas arvores em que o seu inimigo os espera, o caçador vê-se obrigado a recorrer a artificios mais ou menos engenhosos, no intuito, um pouco traiçoeiro, de attrahir os pobresitos. É por isso que ha de ver o caçador marselhez geralmente seguido de um garoto, que transporta, n'uma ou mais gaiolas, um ou mais passaros das especies citadas, conforme as predilecções de cada qual. O sexo das aves é indifferente, pois que os machos são destinados a attrahir as femeas, e as femeas a attrahir os machos. Suspensas as gaiolas nos ramos inferiores dos pinheiros, os passaros captivos servem de chamariz aos passaros livres. Illudidas pelos gorgeios das companheiras, algumas aves mais ingenuas têem a candura de virem pousar nos ramos superiores. Deve-se dizer porém que, apesar da finura do estratagema, o caso não é vulgar, e vae-se tornando rarissimo, em razão de se obstinar n'este unico expediente a malicia do caçador marselhez.

—D'esse modo as caçadas—interrompeu Dumas rindo—não brilham pela abundancia.

—Não—tornou Méry com um serio imperturbavel—são nomeadas só pela raridade. Eu lhe digo o calculo que tenho feito. Em regra, o caçador marselhez faz as suas esperas de outo em outo dias, aos domingos. Ao cabo de outo d'estas esperas, ou seja em virtude da idade ainda tenra, ou porvir das regiões remotas, uma ave innocente pousa a geito nas arvores. De outo d'estas aves o curioso mata uma. D'aqui resulta que, sommadas todas as despezas, um pardal vem a saír-lhe por outenta mil réis, e um pintasilgo por cem. Mas tambem, no dia em que o caçador mata um pintasilgo ou um pardal, é grande diante da sua familia, como Nemrod na presença de Deus.

—E não ha mais variedade?

—Ha apenas uma variante. O fraco do caçador marselhez é acreditar que ha uma epocha do anno em que passam, pelos arredores da cidade, nuvens de pombos bravos. N'esta epocha, atravessa o caçador uma vara de marmelleiro atado de arvore a arvore, e, n'esta vara transversal, crava uma vareta perpendicular, aguçada no extremo, á qual vareta prende com um cordel curto um pombo manso. D'esta fórma, o pombo chamariz, não podendo nunca pousar na vara transversal, é obrigado a voar perennemente. Na opinião dos nossos caçadores, este vôo eterno algum dia ha de chamar a si o vôo ignoto dos consideraveis bandos de torquazes, quando passarem atravessando de Africa para o pólo.

—Diz bem, é uma variante. Não ha muita differença no artificio.

—É a mesma idéa fundamental. Prova firmeza de caracter. Se effectivamente passassem os pombos bravos; é provavel que em pouco tempo ficassem ao facto do ardil; mas o caçador marselhez confessa ingenuamente que nunca viu um torquaz. Apesar de tudo, insiste em affirmar que, se não passaram, hão de passar. Ao cabo de quatro domingos, o pombo domestico morre ethico. Ora, como a supposta passagem dos pombos bravos dura tres mezes, a variante referida custa mais o preço de tres pombos ao caçador. Em todo este tempo, ainda em cima, não tem licença de matar nem uma arvéloa, porque o vôo phrenetico do pombo prizioneiro mette um medo horroroso a todos as outras tribus aladas.

—Obrigado, Méry—tornou Dumas estendendo o beiço inferior com expressivo desdem.—Estou sufficientemente informado a este respeito.

—Ainda não—replicou Méry—espero que esta noute faça conhecimento com o typo mais perfeito do caçador marselhez.

—Caçador de pardaes?—acudiu Dumas.

—Caçador de melros—respondeu Méry, com orgulho ironico.—Não temos melhor.

—E onde havemos de achar esse phenomeno?

—Em minha casa—replicou o poeta—se me quizer fazer o favor de ceiar comigo.

—Acceito—redarguiu o auctor de *José Balsamo*.

—Encontrar-nos-hemos no theatro. Dá-se hoje a *Semiramis*,—rematou Méry separando-se do seu amigo.

Effectivamente, dava-se a *Semiramis* no theatro italiano de Marselha em 1834, como, ainda ha pouco, se deu entre nós a opera os *Capuletos*, com a formosa Julietta no ultimo periodo do seu amor culpado. Seguramente, Assur na colonia dos antigos phocios não podia ser mais infeliz do que Romeo na cidade de Ulysses.

Á noute, os dous escriptores reuniram-se no theatro como haviam ajustado.

—O nosso caçador modelo?—perguntou Dumas.

—Não só o teremos á ceia; mas já o temos aqui—respondeu Méry.

—Onde?

—Além.

—No primeiro banco?

—Na orchestra mesmo.

—É o terceiro baixo?

—O immediato, o quarto.

—Como! Aquelle velho secco, alto, calvo, engravatado de branco, encadernado de preto, de sapatos como saveiros, e tornozellos como promontorios?

—Esse mesmo.

—E é um caçador, aquillo?

—A perola dos caçadores! Julgal-o-ha ouvindo-o. Acompanha-nos logo.

—E como hei de eu julgal-o ouvindo-o só? Parece-me que o julgaria melhor vendo-o.

—Ha de julgal-o pela narração dos seus feitos.

—Huum!—resmoneou Dumas, pouco esperançado na physionomia.—E como se chama esse devoto de Santo Huberto?

—Chama-se o senhor Luiz Louet, quarto rebecão grande, ou baixo, no theatro lyrico de Marselha, e heroe de lances variados, não menos originaes do que as aventu-

ras picarescas, inventadas pelo nosso compatriota e collega Lesage.

Continúa. MENDES LEAL JUNIOR.

GARRETT E CAMÕES.

(Elegia recitada no theatro normal de D. Maria II, na noute de 9 de dezembro de 1855, anniversario da morte do visconde de Almeida Garrett.)

I

Entre os nomes d'aquelles que não morrem,
Gravou-se eterno de Garrett o nome!
Seculos sobre seculos decorrem,
E a acção d'elles taes nomes não consome.

Dão-lhes, prostrados, mais augusto vulto,
Por que a historia os resgata do abandono;
E as gerações lhes fazem, para culto,
Do tumulo um altar, da campa um throno.

A onda dos tempos, na voraz procella,
Não nos cobre dos rolos fugitivos:
Cresce, elevando-os para Deus com ella,
E, mais perto do sol, brilham mais vivos.

E sobem mais nas orlas d'este oceano,
E o curvo firmamento vão abrindo,
Té que, engastados no horisonte humano,
Estrellas novas, ficam refulgindo.

II

Garrett é d'estes!—vivido suspira
O espirito nas azas da memoria:
Não morre o canto onde sôa a lyra,
Não morre o nome onde vive a gloria.

E vive!—A flor d'um povo aqui o acclama,
N'este recinto a que afflue frementé,
E a patria ingrata do cantor do Gama,
Remindo o seu passado, honra o presente.

Não vêdes os dous genios abraçados?
Um rijo e austero, como o arnez que veste,
Sizudo o outro, como os seus cuidados,
E ambos cingindo as c'roas de cypreste?

III

Eil-os, Garrett e Camões,
Filho e pae da mesma raça,
Bebendo na mesma taça
As mesmas inspirações.
Eil-o, o poeta soldado,
Pelo rosto mutilado
Deixa, grave, translùzir
O sorriso, triste e raro,
Ao ver o filho preclaro,
Que lhe vem aos pés caír.

Sobre elle a fronte pendendo,
E co'a fronte o laurel santo,
D'onde goteja inda o pranto
Que o fez grande, martyr sendo,
A mão lhe estende possante,
Que, trabalhando incessante,
Luctou c'o mar, sua escola,
Brandiu na espada a victoria,
Ergueu um templo de gloriá,
E acabou... pedindo esmola.

Diz-lhe depois:—«Vem, meu filho,
«Vem descansar nos meus braços:
«Não deplores terreos laços,
«Não chores mundano trilho.—
«Eu vivi!—Fui peregrino!
«Poz-me á bôca o meu destino
«D'um veneno o longo travo.
«Deu-me essa vida amargosa
«A miseria por esposa,
«E por amigo um escravo.

«E que pedia, Senhor,
«Da vã fadiga quebrado?
«O que a ninguem é vedado,
«Um raio de sol e amor.—
«Nem isso, filho!—Perdido,
«Sem voz, sem alma, vencido,
«Implorei,—vergonha immensa!—
«Rota a lyra, a esp'rança morta,
«Dos umbraes da minha porta
«A caridade... a indiff'rença.

«Não soubeste ao menos, não,
«Como dóe esta agonia,
«Que a alma torna em cinza fria,
«Cinza de extincto vulcão;
«Nem como, gasto o desejo,
«De tanto fogo, o do pejo
«Sobre o rosto só ficou;
«Nem quanto as minguas consomem,
«Nem como, em fim, chora um homem...
«Quando chora o que cantou!»

«Não pae, não mestre,»—exclama
O outro fervido poeta,—
«Caístes; rendido athleta,
«Mas deixando eterna fama.
«Tres seculos, inclinados,
«Ao mundo tem dito, em brados,
«A vossa gloria e tormento;
«E o povo, a quem destes tanto,
«Repetirá vosso canto
«Nos degraus d'um monumento.

«Essa c'roa, que venero,
«Cobre espinhos, rutilante;
«Teve-a o Tasso, teve-a o Dante,
«E a vós legou-vol-a Homero.
«Sei que esses amargos louros
«Custam da vida os thesouros;
«Sei-o, mas sei que, a final,
«A par dos reis hospedado,
«Da injuria será vingado
«O Homero de Portugal.»

«Vingaste-me tu,»—replica
Do Oriente o grande cantor,—
«O monumento maior
«No que me ergueste me fica.
«Entraste nos corações
«D'um Bernardino, d'um Camões;
«Recolheste a nossa herança;
«Resurgiste-nos, altivos,
«*C'os desejos sempre vivos...*
«*E sempre morta a esperança.*

«Cantaste, e do olvido eximes
«Quantos em torno a ti vejo.
«Repara; é longo o cortejo
«De tantas sombras sublimes.
«Eis um Sousa, eis um Pombal,
«Aben-Afan, e Bernal;
«E o Alfageme, que á batalha
«Levando a espada mais dura,
«Como o povo, que figura,
«Peleja se não trabalha.

«Eis Alda, a pudica rosa,
«E Adozinda e seu condão;
«Eis a virgem de Lorvão
«Menos feliz que formosa.
«Flores do campo ou da serra,
«Filhas são da nossa terra.
«Eis, toda graça e harmonia,
«Como um grupo de Canova,
«A imagem, candida e nova,
«Da etherea e casta Maria.

IV

«Estes são,»—segue em voz alti-sonante
Do Adamastor o vate sublimado,—
«Estes são teus brazões;—estes ávante
«Teu nome hão de levar, e o triste fado
«Do que a lyra tentou fazer prestante;
«D'estes formaste o monumento honrado,
«Que as nações saudarão, de toda a parte,
«Por que á patria o sagrou *engenho e arte.*

«Mais que os bronzes e os marmores robusto,
«Aos vindouros dirá que o luso solo
«Virgilios teve, se não teve Augusto;
«Mau grado ao esquecimento, inveja, ou dolo,
«Dirá que, inerte em fim, vencida a custo,
«Á gloria a ingratidão sujeita o collo,
«E a eternidade extrahe do horror profundo
«Quem, como Atlante, já susteve um mundo.

«Marmores! bronzes!—Tardo e ocioso preito
«Que cinzas guarda, que a vaidade cobre,
«Tenue porção d'esse metal suspeito,
«Co' a voz do affecto, o óbolo do pobre
«Util levára ao desprezado leito,
«Que o mundo fez da dor, e Deus fez nobre,
«E onde o genio, esquecido do universo,
«Junto ao sepulchro, amaldiçoa o berço!

«D'estes não foste.—Mais do que eu ditoso,
«Viste ainda, na extrema despedida,
«Alvorecer teu astro, e, luminoso,
«Dourar-te a c'roa que te foi cingida.
«A voz dos povos fez-te glorioso,
«A mão dos reis agradeceu-te em vida;
«E eu vejo, em fim, aos raios d'essa aurora,
«Que avança o mundo, e o seculo melhora!»

V

Disse, e calou.—Dizer-lhe mais quem ha de?—
Fallem agora, ouvindo-o, as vossas almas:
Melhor que a minha voz, a da saudade
Lhe viça os louros, e lhe enflora as palmas.

Bradae-lhe vós, que ahi seu genio inspira,
Clamae-lhe vós, que honraes sua memoria:
«Não morre o canto onde vibra a lyra,
«Não morre o nome onde vive a gloria!»

MENDES LEAL JUNIOR.

REVISTA LITTERARIA.

BRAZIL.

I

Portugal e Brazil.—Opusculo humanitario por B. A. Rio de Janeiro, 1854.

Os laços que a differença das nacionalidades para sempre desatou, parece que ainda os está apertando hoje a identidade dos idiomas. O Brazil tem mais futuro que passado; Portugal, por ora, e ainda mal, vive mais das tradições do que foi, do que das esperanças do que ha de ser. Todavia, qualquer dos dous paizes co-irmãos, cada vez que for peregrinar pelas proprias recordações, ou se aventurar para além dos horisontes que a actualidade lhes não consente por ora transpor senão com o espirito, qualquer dos dous, dizemos, ou antes ambos, terão inevitavelmente de se encontrar n'esse campo neutro.

Mais perto ou mais longe da successiva realisação de nobres aspirações, mais ou menos possuidores dos elementos que as deverão ir preparando, todos os povos andam animados pelo mesmo impulso providencial.

O bello na arte, como na sciencia, como na politica, que talvez seja um composto de tudo isso, é um só; os caminhos é que são diversos, segundo as circumstancias e as indoles de cada paiz. A perfectibilidade, da fórma politica principalmente, é, por assim dizer, o Protheu de todos os tempos, que tanto mais seduz, quanto mais se esquiva e refoge.

Todas as bandeiras levando rumos varios demandam, entre bonanças e tempestades, paragens que os hydrographos d'outr'ora não conheceram por certo, mas cuja latitude e longitude se nos veiu denunciando de revelação em revelação.

É por isso que se escreve para todo o mundo, quando se logra a probabilidade de se haver feito avançar, ainda que um milimetro apenas as barreiras do conhecido. Assim como se não póde prescindir d'um certo encyclopedismo, ao menos quanto baste para se apreciarem com gratidão os mutuos descobrimentos, que de dia para dia se vão effectuando quer na ordem moral, quer na ordem physica, assim tambem as linguagens tendem a fazer-se cosmopolistas. As que o não podem ser, ou por lhes ter passado a sazão propria, ou por não disporem de condições taes que o consigam, contentam-se, e que remedio? com a esphera domestica de que não podem saír. A idéa, entretanto, é que não pede passaporte, porque não é de nenhuma terra, porque de todas e de toda é.

A lingua portugueza não é das que mais tem por que se dóa da circumscripção. A brazileira, que não é outra, póde atravessar affouta para o velho mundo, que tem segura a hospitalidade de amigos.

Eis porque nos interessa tanto a sua litteratura nascente. O livro que o Brazil nos mandar, ainda mesmo que de cosmopolista não possa obter os fóros, é aqui bem vindo, e tanto, como se entre nós fosse escripto. Se o assumpto de que tratar tiver com as nossas cousas, prosperidades ou magoas, alguma relação, mais bem vindo será. Se de penna feminina houver saído a obra, além de todas as razões que já tinhamos para o festejar, accresce esta da novidade; pois que para as letras portuguezas ainda é, e será talvez por muito tempo, um acontecimento virem tomar a mão na pratica da imprensa, aquellas que para naturaes conselheiras nossas dotou a Providencia.

Começâmos portanto esta revista pela rapida analyse d'um livrinho, que, sob o titulo modesto de OPUSCULO HUMANITARIO, publicou em 1854 no Rio de Janeiro a sr.ª D. Nize Floresta Brazileira Augusta.

Duas letras só pretendiâm esconder n'aquella publicação o nome da sua auctora. Para nós não era anonymo o escripto; não devêra sel-o para ninguem, e diremos o porque.

A these do livro, é que a educação da mulher tem muita influencia sobre a moralidade dos povos, e que o caracteristico mais saliente da sua civilisação, é ella. A hypothese, a illustração do Brazil pela educação da mulher.

Bem humanitarias seriam as academias que propuzessem these similhante. Em quanto a convicção d'esta verdade da moderna sociologia não houver calado bem fundo, não só em todas as intelligencias, mas em todos os corações, mui longe andará tudo o que de mais progressivo se imaginar para um paiz. «Poucos homens, diz um dos mais acrisolados defensores da educação popular (1) são capazes de comprehender a humanidade e ainda menos de lhe consagrarem todo o seu amor. A maior parte d'elles não se podem unir a ella senão pelo intermedio da familia. Supprimi este vinculo; para logo caírão no mais profundo e triste dos egoismos, e do homem só.»

A auctora não quebra lanças pela emancipação da mulher, mas conhece com lastima, que não é a mulher ainda o que devia ser; a primeira educadora de seus filhos, a mais util amiga do homem. Não se detem em vagas accusações contra os governos, no que dá mais um documento de bom senso. Olhou com a perspicacia do medico e a piedade da enfermeira para a gravidade do mal. Fez-lhe o diagnostico; desvelou-se no tratamento. Pertencendo, como sem duvida pertence á classe dos escriptores moralistas, e não ignorando a origem da enfermidade, escreveu uma lição severa como pedia o assumpto, se-

(1) Mr. Prosper Dupont

verissima até, como lhe exigia a propria consciencia á vista do objecto santo que se propoz, para paes e mães de familia. É a estes que cumpre convencer, e, vencidos ou convencidos, leval-os a prepararem para o dia de ámanhã, o que o dia d'hontem lhes não legou.

Algumas paginas são vehementes; é a linguagem da mulher na sua phase mais varonil. Que muito? se a causa que advoga tem tantos palradores por si, e tão poucas adhesões verdadeiras a seu favor!

Sem o falso orgulho nacional, que tanto entibia os escriptores d'alma, nos mostra constantemente o reverso de uma medalha brilhante.

Procura pelas narrações mais ou menos carregadas dos viajantes estrangeiros, não aquelles capitulos em que se relatam com enthusiasmo, as magnificencias que o Creador se deliciou em espargir pelo solo americano; não abre os seus livros para se rever n'aquellas descripções em que a reminiscencia europêa se engolfa mais suavemente pelas viçosas amplidões d'uma natureza vivaz e magestosa; não lhes pede as recordações d'uma terra essencialmente hospitaleira; não; — procura com a solicita avidez de quem não perdeu as esperanças de remedio, justamente aquelles pontos onde vae bater a censura mal ou bem condimentada para ouvidos nacionaes. A resignação quasi que a abandona, quando exclama: «Os erros da patria são como os de nossos filhos; queremos nós mesmos censural-os e punil-os, mas não podemos soffrer vel-os stigmatisados por estranhos a quem nada devem.»

Muitas vezes dissereis estar a auctora escrevendo de Portugal. É que a educação popular, na mais verdadeira accepção da palavra, ainda em raros paizes foi comprehendida. Este verbo ainda não encarnou entre o espirito publico. A fatal confusão de instrucção com educação tem baralhado as mais rudimentares noções da doutrina civilisadora d'esta epocha. É mister que a companheira do homem se associe com elle na grande obra do futuro. Para isso, é indispensavel desarraigar inveterados preconceitos. «Sigâmos o exemplo, diz a auctora, do pobre e corajoso explorador de nossas virgens florestas, exposto aqui e ali á mordedura de venenosos reptis, para rotear um campo que outros terão de semear, e onde hão de colher saborosos fructos.»

A intenção é elevada; a causa, sympathica; o empenho, philosophico. Não é preciso ter estudado como Virey todos os segredos da mysteriosa condição feminina, para sentir que se o escriptor humanitario concebe todo o valor da mulher como instrumento unico de moralisação, é mais do que ninguem a mulher quem sobreleva, quando se constitue em evangelisadora de tão religiosa missão.

Terá todavia algumas sombras o livro, que embarguem a fórma de rivalisar com a importancia da materia?

Continúa.

LUIZ FILIPPE LEITE.

O senhor D. Pedro V, que a nossa estampa representa, póde com razão appellidar-se o Desejado.

Quando em 16 de setembro de 1837, as girandolas e as salvas annunciaram á capital, que acabava de nascer o successor do throno constitucional, e um penhor de duração para a dynastia de D. Pedro, o jubilo pintou-se no semblante de todos, e os olhos, que se alongavam anciosos para o futuro, fitaram-se com amor no principe que, ainda no berço, já parecia fadado para encerrar a arena revolvida das dissenções civis.

Creado ao collo de todos os carinhos, o esplendor da corôa promettida não cegou n'elle o ardor da sciencia, nem affogou no orgulho as nobres qualidades de uma indole, nobremente dotada.

Crescendo em annos, o filho da rainha, o neto do duque de Bragança, representante abençoado de tanta gloria, e de tão preciosos sacrificios, cresceu tambem em virtudes, e em prendas.

Na senhora D. Maria II, a ternura maternal, á força de extremosa, era esmerada, vigilante, e até severa com escolha.

O paço das Necessidades, por onde correram a infancia e a adolescencia do principe, póde apontar-se para exemplo, e como escola.

As horas de estudo, as horas de recreio, e de intimidade, e as horas consagradas á educação religiosa, distribuidas com regularidade, e mantidas sem differença, alternaram a cultura do espirito com o indispensavel desafogo da juventude.

Mestres irreprehensiveis nos costumes, respeitados pelo caracter, e applaudidos pelo saber, foram encarregados de guiar os primeiros passos do herdeiro do throno, e dos infantes seus irmãos, gravando nos seus animos tenros as mais firmes e claras noções dos deveres moraes, e enraizando no seu coração, facil em se abrir a todas as idéas generosas, o sentimento christão, e as tendencias caritativas, realce da alma.

Nos monarchas elogia-se a magnanimidade, mas ainda se admiram mais os beneficios silenciosos, que a mão esconde e a bôca não assoalha.

Este segredo de levar ao alvergue do pobre, e á solidão da adversidade, o remedio de pungentes padecimentos, e as doces consolações da esperança, este raio de luz, emanado directamente de Deus para alumiar a consciencia, e alentar o infortunio, foi uma das occultas virtudes da rainha D. Maria, que revelaram sobre o seu tumulo a saudade e as lagrimas dos infelizes; e entalhando-a no peito de filhos dignos dos seus disvellos, aperfeiçoa com ella a obra da sua educação, primor de cuidados e assiduidade, que na historia e na gratidão de Portugal será sempre um dos seus maiores louvores.

A semente caíu sobre inclinações fecundas; e levantando-se do bofete do estudo para se assentar á meza do despacho, presidindo ao governo da nação, o sr. D. Pedro V, se a não houvesse herdado, mereceria a corôa!

A modestia, que é o pudor da verdadeira sciencia, muitas vezes acanha em publico o seu espirito, que sem fadiga póde unir agora mesmo aos trabalhos do poder a constancia no estudo.

Mas quantos puderam apreciar de perto a solidez e a variedade dos seus conhecimentos, são unanimes em proclamar o pasmo, com que descobriram amanhecidas em idade tão verde as faculdades, e completos os dotes adquiridos, que só costuma o tempo amadurecer.

Entrando no caminho da vida pela porta mais perigosa, a da realeza, sobre tudo em epochas inquietas, como a nossa, o principe chamou a prudencia em seu auxilio, e com ella vae respondendo ás difficuldades arduas, que o mando suscita até aos mais experimentados.

Mancebo só no calor e na generosidade dos affectos, apresentou-se, aos dezoito annos, com a reflexão ponderada, que presuppoz a ficção constitucional da maioridade, mas que raramente se verá em outros.

Nas suas viagens, para elle tão fecundas e aproveitadas, o soberano illustrou o nome portuguez nas mais polidas côrtes da Europa; e discorrendo com os doutos em

assumptos, que eram o alvo constante dos esforços d'elles, arrancou-lhes testemunhos insuspeitos, que d'esta vez não vestiam as côres da lisonja, nem disfarçavam a verdade com as phrases calculadas da adulação.

O senhor D. Pedro V em 16 de setembro de 1855 tomou as redeas do poder monarchico; mas a verdadeira data do seu reinado começará a abrir-se naturalmente mezes depois.

Quando os eleitos do povo, filhos da urna desassombrada por elle, puderem unir ao seu o voto legitimo do paiz, e concordes no formoso pensamento de restaurar da decadencia esta nação, que só espera e precisa que mãos honradas a ajudem, conseguirem fazer ouvir do throno a voz imperiosa das verdadeiras necessidades, então, (assim o augurámos) é que a elevada intelligencia do monarcha ha de brilhar plenamente nas eminencias do governo, e que a bondade do seu coração chegará a todos.

Eis a nossa esperança, e o desejo ardente dos que se consolam das illusões passadas, confiando nas promessas de um porvir nada remoto; e os auspicios têem sido tão ditosos até hoje, que a illimitada confiança dos subditos no soberano é já um elogio precioso, para quem, como elle, sabe prezar as cousas pelo seu valor, e não pelas apparencias.

L. A. Rebello da Silva.

Ismail pachá (General Kmety).

Kmety nasceu em Pokoragy, (Hungria) formosa aldeia situada em uma eminencia a duas milhas, pouco mais ou menos, de Rima-Szombath, no condado de Gomorer, onde seu pae, sacerdote protestante, exercia as funcções do seu ministerio. Morto este, Jorge Kmety que tinha então apenas cinco para seis annos, acompanhou sua mãe para Nyregyhaz, no condado de Szabolcser, onde ambos, em casa de um tio, tambem ministro protestante, encontraram agasalho e amparo. Frequentou Jorge Kmety com aproveitamento a escola elementar d'aquelle logar; passou depois a estudar no collegio protestante do districto, e d'ahi, volvidos alguns annos, partiu para Presburgo, afim de concluir n'esta cidade os estudos preparatorios, sendo toda a sua ambição formar-se em alguma das universidades allemãs. Não podendo, porém, conseguir que se lhe tornasse effectivo o subsidio de 40 florins, que lhe havia sido promettido, e a final fôra por singular equivoco conferido a outro estudante do mesmo nome, tomou-se Jorge Kmety de tão profundo desgosto, que abalou para Vienna, e assentou praça. O seu procedimento distincto valeu-lhe um adiantamento rapido na nova carreira que abraçára, pois em 1848 era já official superior. Ardente liberal, Jorge Kmety adoptou a causa dos maggyares, e defendeu-a sempre com lealdade e extraordinario esforço. Em agosto de 1849, vencida a lucta a favor da casa de Hapsburgo, o general Kmety viu-se obrigado, como muitos outros personagens distinctos, a buscar na Turquia um asylo contra a intolerancia dos seus adversarios. Musulmano, Jorge Kmety, sob o nome de Ismail pachá, é actualmente um dos mais intelligentes, e mais valorosos generaes do exercito turco. A defeza de Kars, mórmente o brilhante feito de armas de 29 de setembro, só per si illustraria o mais consummado cabo de guerra.

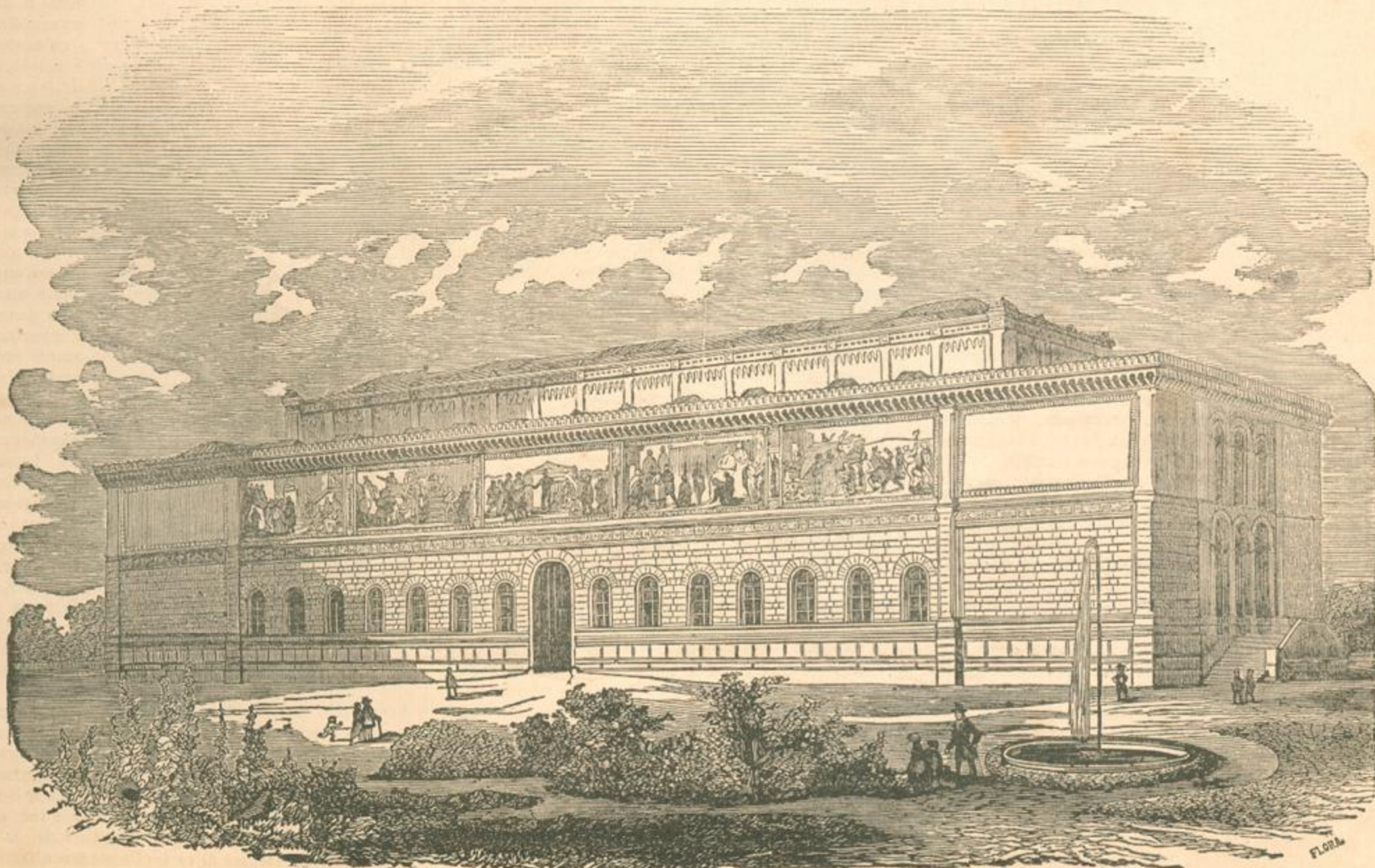
Ismail pachá tem quarenta e cinco annos. A gravura representa o general no acto de receber de um official inglez um precioso cachimbo. Assevera a *Illustracão ingleza* que o retrato do famoso guerreiro está admiravelmente parecido.

NOVA PINAKOTHECA DE MUNICH.

Munich, de todas as cidades de Allemanha, é sem contestação a mais rica de monumentos modernos; e a nova pinakotheca, edificada a expensas do rei Luiz, para repositorio de pinturas, e desenhos do seculo XIX, merece ser contada entre os mais sumptuosos.

A pinakotheca começou-se a construir no outono de 1846, sob a direcção do primeiro architecto da casa real, que tambem fizera a planta, concluindo-se no anno de 1847. É de estylo bysantino, e tem 367 pés de comprimento, sobre 101 de largura e 98 de altura, compondo-se de dous pavimentos corridos, e um outro menor sobre a cornija. A entrada principal olha para o levante, e compõe-se de tres arcos; a escadaria é de marmore, com balaustrada de bronze. Em frente da entrada ha uma grande sala, na qual se observa o retrato, em corpo inteiro, do monarcha fundador, vestido de cavalleiro da ordem de Santo Huberto; este retrato é pintado por W. Kaulbach.

Além d'este salão ha outras cinco casas, de razoada dimensão, e uma sala enorme de 93 e meio pés de comprido sobre 53 de largo, em cujas paredes se admiram 25 quadros de paizagens, devidos ao pincel facil de Rottman. O pavimento inferior reparte-se em outo salas, e deve receber as pinturas de actualidade, desenhos, cartões, pinturas em porcelana, e em crystal; além d'isto ha ali duas salas para cada artista poder tirar as copias que desejar.

Não nos parece de melhor gosto o plano da pinakotheca; entretanto não póde deixar de confessar-se que todas as partes do edificio conservam perfeita harmonia entre

Nova Pinakotheca de Munich.

tre si, e com o estylo de architectura adoptado, o que sem duvida é a mais essencial condição em toda a obra de caracter monumental.

UMA VIAGEM PELA LITTERATURA CONTEMPORANEA.

(OFFERECIDA AO SR. A. HERCULANO)

L. A. REBELLO DA SILVA.

I

Hoje em Portugal quem quer estudar, tem um meio facil e nada desagradavel; habilita-se para uma viagem. Assim o decretou a moda! Aprende-se passeando!

O paiz paga a exportação dos seus futuros sabios um tanto cara; mas que importa? Quem tem bôca vae a Roma, e depois d'este proverbio só ficará ignorante quem absolutamente não quizer pôr-se a caminho.

É verdade que as letras e as sciencias, salvas honrosas excepções, por ora não lucraram muito com o novo methodo ambulatorio, mas atraz de tempo tempo vem, e em todo o caso sempre é bom ir imitando—é geito, que não deve perder-se, porque sem elle ficariamos só portuguezes, o que na realidade seria quasi horroroso!

Em presença de modelos tão auctorisados, que remedio senão seguil-os sob pena de caír no catalogo dos fosseis—pés de boi—e herejes de orelha, que não entendem senão a sua cartilha antiga, o seu almanak velho, e as devoções affonsinhas?! Decidimo-nos pois a viajar, já que é moda e gosto; mas por modestia ou economia (escolham qual preferirem!) encurtámos o roteiro, e assentámos não andar senão á roda do que é nosso, que não é já tão pouco, que não canse a respiração ao mais folgado, se em consciencia desejar ver pelos seus olhos, e apreciar com o seu juizo.

Investigando alguns dos aspectos das nossas cousas litterarias anima-nos a esperança de que não saírá de todo inutil esta excursão humilde e plebeia, feita a pé, e sem estrepito ou ostentações.

Succede aqui o que acontece em mais alguma parte—em Hespanha, por exemplo. Sabemos muito mais do que se passa entre estranhos, do que temos noticia do que vae no meio de nós.

A curiosidade leva-nos a estudar de perto os rasgos criticos de Gustave Planche, as deliciosas novellas esboçetos de Charles Dickens, as delicadas phantasias de Alfredo de Musset, e os equilibrios arrojados de Dumas (pae) o briareu, cujos cem braços escrevem todos ao mesmo tempo; e em quanto applaudimos uns, e nos apaixonamos pelos outros, parecem-nos pequenas, enfezadas e despiciendas as obras dos nossos escriptores.

É um mal e uma injustiça, e devemos cuidar em os atalhar. Nem tudo o que luz é ouro, diziam os nossos velhos com prudencia. Hoje póde traduzir-se o mesmo adagio, por outras palavras. Nem só o que vem de fóra é bom! Estamos certos de que a verdade não ha de desmentir-nos!

Foi, por isso, que nos deliberamos a passeiar tambem, mas só pelos jardins da litteratura amena.

Dizer que nos lisongeâmos de os ter percorrido com fructo, e que não nos faltariam pinturas de effeito para encher uma pasta de amador, seria presumir da nossa perspicacia, e louvarmos o nosso lapis, bastante fraco, de mais o conhecemos, para retratar com similhança, e deixar nas diversas physionomias aquelle ar proprio e particular de cada uma—que é a vida.

Não! Retratos assim só a mão de Timon os fez um dia, sobre a carteira da camara dos deputados de França; só Guizot, Villemain e Sainte Beuves traçam com admiravel perfeição, nos inimitaveis quadros que o remanso das fadigas lhes permitte acabar.

Viajar com esses gigantes da intelligencia era o mesmo, que tentar o pigmeu a aposta absurda de medir os seus passinhos pelas passadas de um colosso. Estamos longe de tão estolida vaidade! Longe de nós a idéa de entrar na arena que elles atravessaram.

O nosso proposito, muito mais modesto, vae em harmonia com as nossas forças. Lançamos apenas, ao correr da penna, n'estas paginas rapidas, as sensações que nos causaram os livros e os homens, as cousas e as idéas.

O que procuramos foi julgar com imparcialidade, e observar sem azedume, e sem lisonja. O azorrague de José Agostinho, e o thurybulo dos incensadores são para nós igualmente repugnantes.

Sinceridade de opiniões podem esperal-as d'estes estudos, porque nos esmeramos em a manter. O resto saíu como cabia em nossos acanhados recursos, e se não merece mais é porque não soubemos, nem valemos.

Emprehendemos a jornada com a mesma sem ceremonia e desaffectação, com que o tourista-typico, crava na cabeça o seu chapéu de palha, e empunha o bordão do costume, para renovar as usuaes peregrinações. Não contem pois, com pezadas malas, nem com apparatosa carragem de erudição. Saímos apenas munidos do nosso *keepnote*, e recolhemos igualmente leves, trazendo só de mais algumas notas corridas, alguns esboços e uma outra tentativa de desenho mais extenso.

Dito isto em boa paz, e para que não succeda tomarem-nos pelo que não somos, entrâmos sem mais demora no assumpto, e pedimos ao leitor a desculpa que é do estylo conceder, e os auctores—de todos os formatos—requererem em ar de quem paga uma cortezia, e nada mais. Mas d'esta vez é forçoso confessarmos, que a sua paciencia não deve ter penado pouco—se leu tudo até aqui.

Antes, porém, de invadir as possessões d'esta nova e tão rica provincia litteraria, façâmos um instante alto, em frente do retrato d'um dos seus mais insignes e illustres cultores.

É um homem de estatura mediana e porte modesto. As linhas da sua physionomia denunciam logo a origem arabe. Olhos pequenos, mas rasgados, vivos e penetrantes, nariz aquilino e tez morena. Os labios delgados, fecham nos cantos por duas linhas que lhe dão uma expressão satyrica, e que segundo Lavater revelam d'algum modo o espirito epigrammatico e sarcastico que tão bem sabem verberar. A fronte larga e espaçosa deixa adivinhar a vasta intelligencia que ali reflecte. A cabeça pende-lhe ordinariamente sobre o peito, como inclinada sob o pezo das idéas, denotando ao mesmo tempo o espirito pensador e reflectido que o caracterisa. A sua figura não impõe; entre a multidão passará até desapercebida, confundindo-se com o vulgo, porque não fere a vista, nem chama a attenção; mas quando a alma se lhe derrama na physionomia, aquecida pelo fogo da palavra, quando esta lhe rebenta espontanea dos labios, transforma-se; as feições animam-se d'um esplendor e d'uma belleza que não se lhe conhecia, examinando-as miudamente. Illumina-se de eloquencia! Já o vimos assim, quando, com o coração rasgado de profunda dôr, e inspirado pela solemnidade e pelo grandioso do quadro, de pé, sobre a sepultura do visconde d'Almeida Garrett, descreveu n'um improviso sentido e brilhante, em traços largos e correctos, em imagens severas e opulentas, o vulto transcendente do que foi seu mestre e amigo, e um dos maiores nomes litterarios d'este seculo. Era a transfiguração do genio, effectuado n'aquelle ultimo e saudoso abraço intellectual entre o mestre e o discipulo; era o passado apontando para o presente, era um nome já vivo na posteridade indicando outro que ha de vir a pertencer-lhe.

Rebello da Silva nasceu a 2 d'abril do anno de 1821. Logo que a idade o permittiu frequentou os estudos de humanidades que constituem a educação classica, distinguindo-se, segundo lhe temos ouvido confessar muitas vezes, em todas as aulas, pela mais constante e invencivel preguiça. Tinha 17 annos, quando em 1838 se fundou n'uma casinha da rua da Atalaia a sociedade philomatica, e ali a emulação despertou o desenvolvimento intellectual, e certa facilidade de fallar em publico; ali se exercitou, e não pouco deveu áquellas palestras juvenis para pouco a pouco ir grangeando a reputação de orador, que hoje gosa, e que tem sabido cultivar e aperfeiçoar, a ponto de ser actualmente um dos primeiros, ou o primeiro (fica para mais tarde resolvermos o problema) do nosso paiz.

Foi então que Rebello da Silva, verdadeiramente principiou a estudar, e foi no periodico d'essa sociedade de mancebos, intitulado o *Cosmorama Litterario*, que fez as suas primeiras armas, publicando alguns curtos ensaios, e escrevendo a—*Tomada de Ceuta*.

Em 1839 cursou a universidade de Coimbra, aonde se demorou menos de dous annos, estudando o primeiro anno mathematico e philosophico, e provando n'elle a mais decidida repugnancia pelas sciencias exactas, e mais ainda póde ser, pela disciplina das aulas, regulada pela corda do sino. Uma grave enfermidade de peito, que durou dous annos, e que o teve proximo da sepultura, obrigou-o a recolher-se em 1841 a Lisboa, e a suspender toda a applicação. Quando as suas forças lh'o consentiram, tornou a dedicar-se com fervor ás letras, e escreveu na *Revista Universal*, um romance já de bastante valor, *Raúso por homisio*, publicado no anno de 1842 e 1843, devendo muito para se abalançar a tentar o genero ao seu amigo e nosso mestre Alexandre Herculano, cuja amizade adquiriu n'aquella epocha. Foi o auctor do Eurico e da Abobeda quem lhe encaminhou os primeiros passos, ministrando-lhe com nobre franqueza todos os subsidios da sua erudição, e os valiosos auxilios da bibliotheca da Ajuda. O Sr. A. F. de Castilho não se interessou menos por esta primeira estreia do joven escriptor.

A datar d'este romance em diante decidiu-se a verdadeira vocação de Rebello da Silva, e principiou a pizar a carreira litteraria sem hesitação.

Antes de apreciar as obras, diremos ainda alguma cousa ácerca da pessoa do auctor.

Rebello da Silva, apesar de muito moço ainda, soube adquirir mais cedo do que é vulgar a sua madureza de reflexão e pensamento, á custa de muito estudo e applicação. Antecipou-se aos annos na cultura previa do seu espirito, e mal avistou o horisonte largo e brilhante, que se abria diante d'elle, colligiu todas as forças e empenhou todos os recursos, para fortalecer e caracterisar a sua vocação, necessariamente ainda balbuciante, conseguindo vencer assim quasi de uma vez o espaço que medeia entre ambos, antes do tempo que de ordinario amadurece as faculdades.

O homem de talento fez-se homem de saber. Poetas gregos e latinos, classicos portuguezes e francezes, historiadores e economistas, escriptores profundos e estylistas elegantes, todos folheou, com todos pensou, e com todos meditou. Rico d'erudição, mas d'erudição legitima e solida, e não de contrabando e só nominal, amestrado nos segredos dialecticos, versado na historia, e iniciado nas bellezas e elegancias da lingua, os seus escriptos reflectem sempre a profusão de diamantes que lhe esmaltam a imaginação, uns puros, e sobre si, mas d'um subido valor, outros engastados nos mais finos e phantasticos arabescos.

Pasma-se, vendo assim chegar um homem aos trinta annos, com as idéas da idade madura, apesar de vivermos n'uma epocha em que a experiencia amanhece cedo, porque vivemos muito em um só dia; mas aquella experiencia é outra, e só se adquire empallidecendo sobre os livros.

A sua adolescencia litteraria atravessou o seculo da renascença, e hoje prepara-se para a completar, auxiliando-a poderosamente nas suas ramificações mais importantes.

No momento em que escrevemos estas linhas, parece-nos que as aspirações de Rebello da Silva são puramente litterarias. Folgâmos com isso. O horisonte da politica tolda-se de nuvens, o das letras rasga-se brilhante e radioso. Do primeiro ha só a esperar tempestades e naufragios, no segundo póde-se obter prosperidade e bonança. O sol d'este fulge agora esplendido, em quanto o do outro vae no occaso.

Escudado com um nome já illustre nas letras contemporaneas, continuando a cultival-as não tem a colher senão tranquillidade e gloria.

N'esta epocha essencialmente egoista, geralmente invejosa e cheia de convenções, devidas na maioria ao espirito de facção, que sempre a tem dominado, quando se manifesta uma vocação nova, raros a animam e acolhem. Rebello da Silva aparta-se d'esta phalange parasyta, seja dito em seu elogio.

Nunca duvidou estender abertamente a mão a quem lh'a pede com sinceridade, nem se eximiu nunca de as guiar com os seus conselhos e lição. Se lhes aponta as sinuosidades do caminho, se lhes indica os precipicios, não é para os desconfortar, mas para os advertir e alentar. Eis a verdadeira prova da incontroversa supremacia do talento.

Na generalidade a critica exerce-se d'um modo singular. Parece que antecipada prevenção acompanha qualquer livro, mesmo antes de ser lido. É de S... a obra? Ha de ser por força excellente! É de N...? Será soffrivel, mas nunca boa! Partindo-se d'este principio nunca se altera o juizo que de futuro deve fazer-se. Regra geral; discute-se sempre o individuo.

Depois da leitura, muitas vezes acontece saírem falsas as opiniões de preconceito, e acha-se o livro de N... superior ao de S... mesmo porque não ha talento, por mais vigoroso, que uma ou outra vez se não engane ou erre, nem tão pouco é milagre revelar-se uma vocação subitamente cheia de força e enthusiasmo.

Para a critica, porém, isso não significa nada. Convencida intimamente do merito relativo das duas obras, não duvida confessal-o n'um momento de intima expansão; mas se um dia tem de apparecer na tribuna publica da imprensa para avaliar as duas producções, sustenta o erro, e desmente a evidencia esquivando-se a tratar do assumpto e substituindo-o por um immenso prologo—cabeça enorme sobre o tronco de um pigmeu,—falla, cita, compara, declama, louva e censura, mas sempre a respeitosa distancia do objecto. Tudo aquillo é para fugir ao exame serio, e remata por força com tres vulgaridades rasas ácerca do livro, e outras tantas cortezias rasgadas ao auctor.

Segreda-se ao assistir a uma leitura ou uma representação, ao ouvido d'um e d'outro, que o escriptor não tem estylo, que lhe falta vigor e colorido, mas não se diz em alta voz. E porque? Porque pertence a *cotterie* aquelle nome, e foi elevado e chrysmado por ella, classificou-o entre as reputações privilegiadas, deu-lhe carta d'alforria, e não póde portanto voltar atraz, e fazer de um ente sublime um simples mortal!

Não queiram suppor que ignorâmos que ha nomes, que postos no frontespicio de um livro, o auctorisam. Conhecemos alguns d'esses, e somos dos primeiros a saudal-os. Alexandre Herculano e Almeida Garrett, dous gigantes que dominam de toda a sua altura este seculo litterario entre nós, estão n'esse caso. Com elles, ao depois, alguns mais, bem poucos, que souberam honrar os mestres, aproveitando-lhes a lição e o exemplo. Mas n'esse numero, inscreveram-se muitos, que estão longe de o merecer. A seu tempo o mostraremos.

O nosso privilegio de viajante levou-nos a deixar o trilho batido para corrermos atraz de uma digressão... Não será o ultimo incidente d'esta qualidade.... Prepare-se o leitor.

Agora aqui descansaremos um pouco da excursão á *critica dos criticos*, e depois se continuará a jornada pela estrada direita—fazendo as menos pausas e voltas, que for possivel.

ERNESTO BIESTER.

Continúa.

CHRONICA SEMANAL.

Acceitando esta tarefa, juramos a nós mesmo cumpril-a conscienciosamente. Para isso julgaremos as cousas sem nos lembrarmos dos homens. Não obedeceremos a despeitos nem a sympathias, mas só á nossa convicção. Boa ou má havemos de sempre ter uma, é essa que nos ha de guiar; e oxalá que uma boa estrella a illumine, e lhe aponte o bom caminho n'este dedalo da critica. Invocâmos em nosso auxilio o condão miraculoso, de que alguma fada benigna dotou as pennas elegantes de *Jules Janin*, *Gustave Planche*, *Gautier*, e *Jules de Premaray*, que tão bem

sabem julgar e dizer,—dizer com finura e julgar com rectidão,—fada cujo feitiço se revela nos encantamentos do estylo, no primor da linguagem, e na elevação dos conceitos. E feita esta invocação, tirâmos o chapéu, cumprimentâmos cortezmente os leitores, e começâmos a conversação no mesmo estylo e fórma em que tencionâmos prolongal-a todos os sabbados. Fallaremos primeiro da companhia franceza, cuja introducção no nosso theatro normal deu origem a graves contendas. Gastaram quasi a palavra nacionalidade, e debalde. O que me parece, porém, é que a applicavam mal. Porque? dirão. É o que nós vamos tentar provar: porque aos nossos olhos, a nacionalidade está no theatro escripto, e não no fallado, está no drama, e não no actor. Póde o artista ser chim ou russo, um vez que represente no *Fr. Luiz de Sousa*, ou nos *Homens de marmore*, em chim ou russo que seja, a nacionalidade do drama ficou de pé. Póde o actor ser portuguez dos quatro costados, e representar superiormente no idioma nativo *Les filles de Marbre*, ou o *Angelo* de Victor Hugo, que lhe não tirou a individualidade primitiva. Hoje o theatro de Gil Vicente é conhecido pelos livros, e ninguem indaga para acabar de o nacionalisar, por quem, e onde foi representado. O mesmo idioma que ali se fallava, e ainda hoje se falla muita vez no theatro normal, tem tanto de portuguez, como o theatro.... de normal. É por estas razões que nos affectou pouco a vinda da companhia franceza, e ainda que adversos a ella, nos abstivemos de emittir opinião, convencidos como estamos de que o mal está na origem, e que só preparando novos elementos no pessoal, melhorando cada vez mais o repertorio, com obras dignas da elevação da arte, se poderá attingir o fim proposto. Como tem estado, nem francezes, nem turcos, nem quanta reforma-remendo lhe deitarem, realisam o pensamento da sua fundação: mas o vicio não está só no atrazo relativo dos actores, está tambem nas prevenções e preconceitos da sociedade mais influente. Chamar esta a frequentar a primeira scena portugueza, diziam os competentes ser o fim d'esta nova acquisição, e que para o conseguir alternariam os espectaculos. Effectivamente começou assim, mas durou pouco. A elegancia revoltou-se, queixou-se, reclamou e triumphou. E porque se revoltaria a elegancia? Por amor da arte? Qual! Por capricho ou por moda. Quem sabia francez, queria ter occasião de o mostrar, e quem não sabia, de fingir. Fingir, dirá o leitor, pois n'uma sociedade essencialmente franceza, por espirito d'imitação, ha quem o não saiba? Se ha, e pessoas das que lá passam por illustradas, pela opinião que souberam ganhar á custa d'um silencio exteriormente meditativo! Conseguem ás vezes dizer um ou outro gallicismo, mas innocentemente, á força de os ouvir. São individuos que não pensam, não sentem, não fallam, não julgam, nem inventam, repetem só, e quasi sempre mal, seja dito em abono da verdade, e em louvor dos seus oraculos. E sabem que mais, teriamos muita pena se vissemos acabar a especie, mas não passaremos por esse desgosto, porque a vemos apurar-se diariamente. É que são deveras apreciaveis, como typos. Não ha nada mais comico, do que observal-os n'uma noute de representação franceza. Sacrificâmos muita vez, de bom grado, alguns dialogos d'uma peça a esta contemplação. Parece-nos ainda vel-os, encostados no banco da frente, prestando a maior attenção ás palavras da actriz ou do actor, e espreitando no gesto, d'este ou d'aquella, se devem traduzil-as n'um sorriso ou n'um leve assentimento de cabeça, e quando não conseguem interpretar por esta fórma a verdadeida intenção, olhar disfarçadamente em roda de si, para ler na phisionomia dos entendedores a expressão que devem dar á sua. N'esta observação trabalhosa e espectante, repete-se na scena um dito espirituoso, que disperta a hilaridade geral, reparae então n'elles, e vereis que se foram os ultimos a achar o riso, foram tambem os ultimos a terminal-o, olhando immediatamente maravilhados e triumphantes para os camarotes, como para lhe darem a entender que perceberam. A attenção escrupulosa com que estão á *deixa*, envergonharia o mais habil comparsa de scena, e confirma a idéa velha e mais que discutida, de ser esta vida uma comedia, onde todos representam o seu papel, mais ou menos importante, de maior ou menor vulto, com talento ou sem elle, applaudidos ou pateados. Na qualidade de comparsas d'esta comedia universal era, portanto, injustiça negar-lhes superioridade e aptidão. No numero dos apreciadores da scena franceza figura vantajosamente esta classe, que dá o seu voto, e declama sobre o merito dos artistas!

Mas o facto é que o theatro francez é outra vez *moda*, o que equivale a dizer que está debaixo da protecção de uma rainha despotica, mas tão formosa e voluptuaria, que os mais austeros não lhe resistem, deixando-se insensivelmente captivar, e acabando quasi sempre por se tornarem escravos d'ella, ou pelo menos satelites involuntarios. Enumerar portanto todos os planetas (de ambos os sexos) que giram sob a influencia d'esta deusa, que escapou á mythologia grega, (o que prova que ha tres mil annos quando Hesiodo a collegiu, esta ainda não existia, seria tão difficil como pretender analysar o Apocalypse,—salvas as devidas proporções.

Convencidos d'isto, desviaremos os olhos da sala, para os fitar no palco, de que suppomos ver subir n'este momento o panno. Á vista dos actores, diremos francamente a opinião que formâmos da companhia, desde o seu debute no *Demi-monde*. Mademoiselle Fontenelle n'esta comedia representou com tanto talento, intelligencia e finura, sabendo juntar á verdade da inflexão a naturalidade do gesto, a malicia da physionomia ao espirituoso da phrase, a desenvoltura á elegancia, que a considerâmos a melhor actriz franceza que tinhamos visto em Lisboa. Desempenhando depois outras peças obrigou-nos a modificar o juizo que tinhamos feito, pois embora executasse algumas com intelligencia, nunca mostrou igual superioridade. O papel da *Baronne d'Ange*, foi, a nosso ver, um verdadeiro triumpho, mas não soube sustental-o, nos que se lhe seguiram. *Mademoiselle Roqueville* foi a sua antithese. O exito brilhante que mademoiselle Fontenelle, alcançou no *Demi-monde*, conquistou-o ella successivamente nas comedias *Peril en la demeure, Par droit de conquête, La joie de la maison*, e *La Camaraderie*, legitimando assim o seu merito, e revelando a superioridade que tem sobre os seus collegas. Provou ser o primeiro talento da actual companhia, tanto pela pureza da dicção, como pelo relevo mimoso que sabe dar aos papeis de que a incumbem. Quando a paixão falla, sabe revestil-a de uma sensibilidade cheia de distincção, que attrahe, prende e commove naturalmente, sem tentar á força inculcar-se nem impor-se. Sacrifica até muita vez o effeito á verdade, o que nós, longe de censurar, applaudimos, porque entendemos ser esta uma das condições que tanto o actor como o auctor devem ter em vista no drama moderno. Se o fim d'este é quasi sempre retratar a sociedade, copiando do vivo, e reproduzindo similhantes as diversas physionomias,—ainda que, devendo sempre obedecer a certas e determinadas convenções que não podem deixar de existir no theatro;—o actor a quem compete animar as feições, e imprimir-lhe a individualidade propria, não deve nunca afastar-se do circulo marcado e conhecido, para se envolver n'outro imaginario e impossivel.

Mr. *Luguet*, na comedia, é um actor intelligente e de boa presença, que sabe tirar partido das situações e dar verdadeiro realce ao dialogo, ferindo justas as intenções, e exprimindo-se com naturalidade; no drama, porém, é falso, exagerado, a ponto de frizar ás vezes a caricatura, como aconteceu no *D. Juan d'Autriche*. *Mr. Lemaitre* é perfeitamente o opposto do seu collega; certo acanhamento que se lhe nota na comedia, onde parece estar contrafeito, é vantajosamente resgatado na parte dramatica a que sabe dar colorido, imprimindo-lhe verdadeiro sentimento e modulando-o admiravelmente na voz, que lhe sáe sonora e vibrante. Distribuindo n'este sentido os papeis, a cada um d'estes actores, as comedias hão de lucrar no desempenho. Resta-nos fallar de mr. *Minne, premier comique*. A sympathia que tem adquirido na platéa, pela hilaridade espontanea que lhe sabe provocar, faz o seu elogio, e estamos convencidos que esta duplicaria, se evitasse certa monotonia na declamação que muita vez o prejudica. Tudo mais são mediocredades, que não soffrem analise especial.

Feita esta rapida apreciação dos actores francezes, remataremos com uma pequena observação, que explica até certo ponto, se não completamente, a vantagem que levam aos nossos, no desempenho geral de qualquer peça. Esta vantagem é a harmonia, a afinação, o *ensemble*, na phrase d'elles, com que a executam, que produz estes resultado conseguindo assim esconder defeitos, palliar mediocridades, e salvar emfim a parte pelo todo. E a harmonia é, a nossos olhos, a primeira necessidade da declamação, necessidade tão indispensavel como a afinação n'uma orchestra. Póde esta compôr-se de artistas de primeira ordem, de reputações até colossaes, se cada um tocar no tom que lhe parecer, por mais inspiradas e severas que forem as suas melodias, o charivari será evidente. Collocae outra ao lado, composta d'artistas inferiores, e mesmo mediocres, mas afinados na mesma corda, que a execução ha de parecer superior. Ora é força confessar, que nunca o theatro portuguez peccou tanto a este respeito, como actualmente. De que procederá isto? Procede a nosso ver da falta de ensaios regulares. Não basta a um actor decorar o seu papel, comprehendel-o e repetil-o, é necessario que module a voz e ajuste as inflexões, com os demais personagens, para poder tirar verdadeiro effeito, evitando assim uma certa frieza que se estabelece no dialogo, e que insensivelmente se communica á platéa, destruindo metade da impressão que podia produzir. Appliquem os meios de sarar este mal, que o resultado ha de ser favoravel para os actores e para a arte.

O repertorio do theatro normal n'estes ultimos mezes, compoz-se do *Aliciador*, do sr. Corvo, que não desagradou; da *Dalila*, esmerada imitação do sr. Antonio de Serpa, que teve um exito brilhante e merecido. E realmente a *Dalila* é um drama, como raras vezes apparecem. Todos os traços são ali firmes, correctos, energicos e artisticos. *Sertorius* é um colosso artistico, a *Princesa Falconieri*, uma estatua brilhantemente cinzelada. Distancea-se tanto das *Aspasias e Phrynés*, ultimamente apresentadas na scena franceza, como uma esculptura de *Benvenuto Cellini* ou *Miguel Angelo*, da de qualquer factor vulgar. É um primor d'arte, executado com mimo e elegancia, e foi geralmente bem desempenhado. O *Homem de Mundo*, que se lhe seguiu, é uma comedia chistosa, abundante de situações comicas e de peripecias engraçadas, que despertam o riso e inspiram interesse. É uma lição de moral contada indiscreta e levianamente.—*A Adriana Lecouvreur*, que resuscitaram para o beneficio da sr.ª Emilia, é uma traducção indigna da nossa primeira scena, e é deveras para estranhar que havendo ali um jury essencialmente litterario, como o conselho dramatico, e tão melindroso a este respeito, que duplicou a censura dos originaes, não mantivesse igual rigor com similhante versão. A sr.ª Emilia tevo rasgos brilhantes, e confirmou a opinião de ser esta uma das suas melhores e mais felizes creações, o que nos admira, porém, é que não hesitasse em repetir similhante linguagem.

No Gymnasio, os *Dous Mundos*, original do sr. Lacerda, continuam a chamar a concorrencia, e a excitar applausos freneticos; estes motivos são sufficientes para animarem o seu esperançoso auctor, na carreira a que se dedicou.

Em S. Carlos reina o barulho dentro e fóra. Cantar é o que lá se ouve menos. Conserva ainda o rotulo de lyrico, é uma teima do annuncio, que illude momentos os *dilletanti*, ouvindo o Bartholini. O mais é para ser ouvido, segundo o conselho d'um espirituoso amigo nosso, com o *binocle* ás vessas, para ao menos haver a illusão da distancia das vozes.

A dansa traz a mocidade dourada em pleno alvoroço, resuscitando todas as noutes as eternas e decantadas guerras do Alecrim e Mangerona, (phrase folhetinistica). A Fleury e Clavel, são os dous pomos da discordia dansante. Nós não disputâmos nenhum, porque apreciâmos ambos. Admirâmos na *Fleury* a poesia voluptuosa das fórmas, e na *Clavel* a gentileza vaporosa dos passos. A nossa observação dansante, é toda mythologica.

Temos a annunciar duas grandes novidades litterarias, uma aprimorada traducção do *Othello*, pelo sr. Rebello da Silva, escripta no estylo viril e castigado do distincto escriptor, e uma comedia original, do sr. Antonio de Serpa, *Um casamento e um despacho*, satyra frisante, vasada no molde da actualidade.

Já lá vae um anno depois que o paiz perdeu um d'estes homens que illustram um seculo e o apontam á posteridade nas paginas immortaes que lhe soube legar. No dia 9 de dezembro commemorou-se no theatro normal o anniversario da morte do visconde d'Almeida Garrett. Se este nome não está, por vergonha nossa, gravado n'um monumento, foi ao menos lembrado n'um canto de saudade. Neguem-lhe embora uma memoria, que elle conquistou-a n'esses colossos em que se elevou, construindo-os pelas proprias mãos, creando-os pelo seu genio, e de cima dos quaes domina ainda o seculo.

A poesia do sr. Mendes Leal, intitulada *Camões e Garrett*, que o sr. Rosa recitou na noite de 9, e que este jornal transcreve, é uma obra digna do assumpto, e grande como elle. Ligando estes dous nomes, disse quasi tudo, porque são astros que só a grandes distancias vem illuminar o mundo, e cujo brilho não morre. O sr. Mendes Leal inspirou-se profundamente, sentiu, e, poeta verdadeiro tambem, subiu até elles, leu-lhes n'alma, e revelou-os similhantes. O que herdou d'elles, mostrou-o, e de tal herança diremos que lhe coube a maior parte. Para justificar as nossas palavras, accrescentaremos só uma: leiam.

ERNESTO BIESTER.

O PRINCIPE BEBUTOFF.

Quando chegou á Europa a noticia de haver a guarnição de Kars repellido, no dia 29 de setembro passado, um assalto das tropas russianas commandadas pelo habil general Muravieff, correu ao mesmo tempo o boato, de que este bravo official, dolorosamente impressionado pelo desaire infligido ao exercito moscovita, enlouquecêra, vendo-se o seu chefe de estado maior compellido a chamar o principe Bebutoff, a fim de assumir a direcção suprema. Este boato, como muitos outros com que os novelleiros politicos entretem a attenção publica, parece não se ter verificado: entretanto, nem por isso deixa o principe Bebutoff de ser um personagem de actualidade, pertencendo-lhe por conseguinte um logar na modesta galeria que hoje inaugurâmos.

O principe Bebutoff gosa no exercito russo a reputação de um official experimentado e distincto. Natural da Georgia, e do mais nobre sangue, o principe Bebutoff, como a sua familia, seguiu sempre com lealdade a causa dos dominadores da região em que nasceu. Tanto bastou para ser chamado e cumulado de honras na côrte de S. Petersburgo, obtendo, ainda em verdes annos, uma collocação vantajosa no exercito do czar. Começada a lucta gigante entre a Russia e a Turquia, em que depois se empenharam as duas mais poderosas nações do globo, o principe Bebutoff marchou com uma divisão do exercito do principe Woronzoff, para a Georgia, com instrucções de aproximar-se ás fronteiras turcas, ameaçando-as seriamente. No mez de outubro de 1853 as tropas russas, desbaratadas em um primeiro recontro com os musulmanos, mas depois reforçadas com varios regimentos, acampavam nas proximidades de Kars. Todos os revezes que as forças musulmanas na Asia soffreram durante esse anno e no seguinte attribuem-se á capacidade militar do principe Bebutoff. Batidos em varios recontros, mal abastecidos e mal commandados, os turcos foram a final compellidos a retirar sobre Kars; era isto em agosto de 1854. Quando se preparava para atacar esta praça, o principe Bebutoff teve, porém, de abandonar a toda a pressa o acampamento, deixando a artilheria de sitio encravada, pois lhe havia chegado noticia de que o implacavel inimigo dos russos, o circassiano Schamyl, entrára na Georgia á frente de alguns milhares dos seus indomitos guerreiros. O principe Bebutoff conduziu então o seu exer-

cito a Gumri, obrando assim com prudencia e habilidade. Não sabemos quaes têem sido posteriormente as operações d'este general. Talvez que os proximos paquetes nos tragam a este respeito curiosas informações. Poderemos de certo avaliar um pouco melhor os conhecimentos estrategicos do principe Bebutoff, quando soubermos dos seus movimentos em presença de um adversario tão temivel como Omer pachá, que actualmente commanda em chefe todas as forças ottomanas na Asia.

O principe Bebutoff conta hoje cincoenta annos de idade, pouco mais ou menos, e professa, como toda a sua familia, a religião christã, do rito armenio.

O Principe Bebutoff.

CORTES.

SESSÃO REAL DE ABERTURA EM 2 DE JANEIRO DE 1856.

Pouco antes da uma hora da tarde, abriu-se a sessão das côrtes geraes, estando presentes os srs. ministros da corôa, e presidindo o em.mo cardeal patriarcha. A deputação, que foi nomeada para receber e acompanhar sua magestade e o sr. infante D. Luiz Filippe, compunha-se dos dignos pares duque da Terceira, marquezes das Minas, da Ribeira Grande, Pombal, Vallada, e Ponte de Lima; condes de Mesquitella e da Louzã, barões de Pernes, de Lazarim, e Monte Pedral, e D. Antonio José de Mello; e dos srs. deputados Cunha Sotto-Maior, Mello Breyner, Dr. Alberto, Xavier da Silva, Cyrillo Machado, F. da Gama, Silva Sanches, Albergaria Freire, Miguel do Canto, Vellez Caldeira, D. Rodrigo de Menezes e Ferreira Novaes. Sua magestade entrou na sala á uma hora, seguindo-se todas as prescripções do programma previamente publicado no *Diario do Governo*. O sr. D. Pedro V dirigiu ás côrtes um discurso bastante extenso. Concluida a leitura d'este discurso, sua magestade e o sr. infante condestavel saíram da sala com o mesmo cortejo com que haviam entrado, era hora e meia da tarde, ficando assim aberta a actual sessão ordinaria, que é a ultima da presente legislatura.

As tropas, achavam-se postadas em alas nas ruas pela fórma costumada, e apresentaram-se no maior aceio e luzimento. O segundo regimento de lanceiros e a cavallaria da guarda municipal, constituiam a guarda de honra a sua magestade.

CAMARA DOS DIGNOS PARES.

SESSÃO DE 3 DE JANEIRO DE 1856.

Não se tendo reunido numero sufficiente de dignos pares para sa abrir a sessão, foi esta adiada para o dia 7.

CAMARA DOS SENHORES DEPUTADOS.

SESSÃO EM 3 DE JANEIRO DE 1856.

A camara dos deputados procedeu n'esta sessão á eleição de presidente e vice-presidente, em lista quintupla. A meza provisoria da camara compunha-se do sr. visconde de Monção, presidente decano, e dos srs. J. M. Latino Coelho e Sousa Machado. Corrido o escrutinio saíram eleitos os srs. Julio Gomes da Silva Sanches, Vicente Ferreira Novaes, Justino Antonio de Freitas, Sarmento Saavedra, e Augusto Xavier Palmeirim. Estiveram presentes á sessão 56 srs. deputados.

NOTICIARIO.

—No dia 1 do corrente chegou a Lisboa, no paquete do norte, sua ex.ª o sr. Fontes Pereira de Mello, ministro dos negocios da fazenda, e obras publicas, da sua viagem a França e Inglaterra. Não se sabe officialmente resultado da commissão de que fôra encarregado no estrangeiro: diz-se, porém, que contractára um forte emprestimo para ser applicado a obras publicas, e que conseguira tambem ajustar a construcção dos caminhos de ferro de Santarem á fronteira de Hespanha, e de Santarem ao Porto com uma poderosa companhia franceza. Em breve poderemos julgar das vantagens que trouxe ao paiz a missão do sr. ministro.

—Já têem sido vistos alguns soldados com o novo uniforme, que vae adoptar-se para o exercito: é desgracioso e impropriissimo. Melhor fôra que em vez de mudar os uniformes militares, que diga-se aqui de passagem, nenhum exercito os tinha nem mais elegantes, nem mais accommodados ao clima e necessidades do soldado, se cuidasse da instrucção e disciplina, infelizmente um pouco descurada; e primeiro que tudo, se procurasse substituir as actuaes e pessimas espingardas por carabinas de Minié. Entretanto, fieis ao nosso programma, logo que appareçam os figurinos do novo uniforme, dal-os-hemos na *Illustração*.

—Consta-nos que se prepara uma grande expedição para Mossamedes. O fim é, principalmente, explorar as minas de cobre que se descobriram no feracissimo sertão d'aquella esperançosa colonia. Foi, pelo chefe da expedição, fretada a barca *Margarida*, do respeitavel negociante sr. A. J. d'Oliveira. Diz-se que passam de trezentos os colonos já ajustados. Julgâmos indispensavel, que esta expedição seja acompanhada de um sacerdote, pelo menos. Na provincia de Angola o clero é tão pouco numeroso ainda, que algumas das igrejas dos presidios estão sem pastor; não nos parece pois digno de uma nação catholica que se exponha um tão grande numero de almas a ficarem privadas por muitos mezes de todos os soccorros espirituaes. Pedimos ao governo que tome seriamente em consideração esta nossa advertencia.

—Parece que a companhia de navegação luso-brazileira ajustára finalmente a construcção de um novo vapor para a carreira transatlantica. Folgaremos que o nosso informador nos não illudisse, e que a companhia luso-brazileira, creada sob tão lisongeiros auspicios, e já proprietaria de dous dos melhores barcos que surcam as aguas do oceano, se resolva a empregar todos os meios para que as viagens dos vapores portuguezes para o Brazil se tornem regulares, como convem ao commercio, e aos interesses da propria companhia.

—Diz-se que o sr. ministro da fazenda e obras publicas contractára com poderosos capitalistas inglezes a construcção de um porto artificial nos *Laichões*, e de um ramal de caminho de ferro para unir o dito porto artificial á cidade do Porto. Oxalá que esta noticia se verifique, e que a barra do Porto cesse de ser o sorvedouro de vidas e de fazenda, que tem sido até hoje, para nossa vergonha.

—Até o fim do mez corrente espera-se que se abra á circulação a secção do caminho de ferro de Leste de Lisboa ao Carregado. Folgaremos que assim seja. A *Illustração* dará os desenhos de algumas das obras de arte construidas n'esta importantissima linha ferrea, que tão agourada tem sido.

BIBLIOGRAPHIA.

OBRAS PUBLICADAS PELO EDITOR DA *ILLUSTRAÇÃO LUSO-BRAZILEIRA*. —LIVRARIA, RUA AUREA, 227 E 228.

PANORAMA, semanario de instrucção e litteratura, redigido por muitos escriptores distinctos. Publica-se regularmente todos os sabbados um numero contendo 16 columnas de fol., com excellentes gravuras em madeira. Preço por anno, em Lisboa, 1$300 rs.; semestre, 700 rs.; nas provincias, por anno 1$570 rs.; semestre 830 rs.

Publicou-se o 1.º n.º do 13.º vol., 5.ª da presente serie, contendo varios artigos pelos srs. José de Torres, Ignacio de Vilhena Barboza, etc. e duas gravuras.

POESIAS, de M. M. Barbosa de Bocage, edição completa em 6 volumes de 8.º fr. 4$320.

NATUREZA DAS COISAS, poema de T. Lucrecio Caro, trad. do Dr. Lima Leitão. 2 vol. 8.º br. 800

VIDA DE NOSSO SENHOR JESUS CHRISTO, por L. A. Rebello da Silva. 2 vol. em 8.º fr. br. 960

Esta excellente obra, saudada com unanime elogio pela imprensa periodica, constitue a primeira parte dos *Fastos da Igreja* do mesmo auctor.

POESIAS, de L. A. Palmeirim. 2.ª edição augmentada. 1 vol. 8.º fr. br. . . . 600

OS HOMENS DE MARMORE, drama em 5 actos por J. da Silva Mendes Leal Junior. 1. vol. 8.º fr. 480

O HOMEM DE OURO, drama em 3 actos (continuação do antecedente) pelo dito. 1 vol. 8.º fr. 300

A HERANÇA DO CHANCELLER, comedia em 3 actos, e em verso, pelo dito. 1 vol. 8.º fr. br. 400

RUDIMENTOS DE ECONOMIA POLITICA para uso das escolas por F. A. Marques Pereira 1 vol 8.º fr. 200

ADDIÇÕES AO MANUAL DO TABELLIÃO, por F. V. da S. Barradas. 1 vol. 8.º br. 200

MEMORIAS DE LITTERATURA CONTEMPORANEA, por A. P. Lopes de Mendonça. 1. vol. 8.º fr. br. 720

MEDICINA LEGAL, por Sedillot; traducção do Dr. Lima Leitão. 2.ª edição. 2 vol. 8.º fr. . . . . 1$200

A CRUZ, drama em 5 actos por Luiz de Vasconcellos. 1 vol. 8.º fr 320

UM QUADRO DA VIDA, drama em 5 actos, por Ernesto Biester. 1 vol. 8.º fr. br. 480

OTHELO, OU O MOURO DE VENEZA, tragedia em 5 actos. Imitação por L. A. Rebello da Silva. 1 vol 8.º fr. 300

EXPEDIENTE.

A revista que haviamos feito dos jornaes scientificos nacionaes e estrangeiros, tivemos de a retirar por falta de espaço; outro tanto aconteceu com a parte destinada ao estudo das cousas que respeitam ao commercio e industria.

Temos já em nosso poder alguns artigos escriptos expressamente para a *Illustração* pelas nossas melhores pennas: no seguinte numero encetaremos a publicação de um trabalho do nosso amigo o sr. Latino Coelho sobre a litteratura castelhana moderna.

No prospecto, que fizemos largamente circular declarâmos que ficavam francas as columnas da *Illustração* a todos os que cultivassem as letras, assim em Portugal, como no Brazil, pois que este periodico é destinado a viver para ambos os paizes, tão irmãos a muitos respeitos; aqui renovâmos solemnemente o offerecimento, agradecendo desde já aos escriptores distinctos que se dignaram espontaneamente prestar-nos a sua coadjuvação, sem a qual nos seria impossivel fundar, e muito menos sustentar um hebdomadario da cathegoria da *Illustração Luso-Brazileira*.

ENIGMA.

LISBOA: — TYPOGRAPHIA DO PANORAMA, travessa da Victoria, 52.